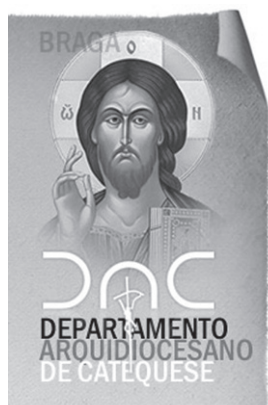


PONTEZ*32



B O L E T I M
dezembro 2015 . boletim trimestral . ano 7

editorial *

Misericórdia é fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro.

Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

Quando, em nome de Cristo, a Igreja convoca um jubileu, somos todos convidados a viver um tempo extraordinário de graça. A própria Igreja é chamada a oferecer, com abundância, sinais da presença e proximidade de Deus, a despertar nos corações a capacidade de olhar para o essencial. Nomeadamente este Ano Santo da Misericórdia «é o tempo para a Igreja reencontrar o sentido da missão que o Senhor lhe confiou no dia de Páscoa: ser instrumento da misericórdia do Pai» ■

Catequese, resposta

P.E LUÍS MIGUEL FIGUEIREDO RODRIGUES

A Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho* afirma claramente que é de uma catequese querigmática de iniciação mistagógica e de um itinerário eclesial que a igreja precisa para transmitir por contágio a alegria evangélica. Isto implica, por um lado, a experiência progressiva de se fazer parte de uma comunidade eclesial, e que é toda ela educadora, e, por outro, de uma redescoberta da liturgia e da sua simbologia de iniciação cristã. O processo catequético «é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta» (EG 166).

Comunidade

O papel da comunidade evidencia-se como imprescindível, dado que é nela que nasce o anúncio do Evangelho, convite à conversão e a ser discípulo de Jesus Cristo. Mas esta comunidade não está alheada da cultura circundante que pode ser descrita de diversas formas, mas uma das que está a fazer um caminho significativo é a da «modernidade líquida» (Zygmunt Bauman). É neste contexto que se pode falar de igreja líquida e de paróquias fluídas, com os seus contornos pouco claros e escorregadios. O papa Francisco tem bem presente esta «liquidação eclesial» quando diz que a paróquia, dada a sua plasticidade, não é uma estrutura caduca e «pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. (...) Isto supõe que esteja realmente em contacto com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos. (...) Através de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização» (EG 28).

A comunidade cristã, nas suas diferentes configurações, tem muitas riquezas, mas a maior delas é a «escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração» (EG 28). No fundo, é aí que se verifica aquilo que a *Dei Verbum* explica quando diz:

«o que foi transmitido pelos Apóstolos, abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita. / Esta tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Com efeito, progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da contemplação e estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cfr. Lc. 2, 19. 51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade. Isto é, a Igreja, no decurso dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus» (DV 8).

A experiência de viver a fé vive-se e percebe-se numa comunidade que cultiva as possibilidades da «mística» «de viver juntos, [do] misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada» (EG 87). O desafio educativo consiste em não deixar escapar o tesouro da comunidade, este tesouro de relações novas geradas em Jesus Cristo, que cura e suscita uma fraternidade contemplativa, capaz de descobrir Deus em cada olhar (cf. EG 92).

Para que seja possível a *conversão pastoral*, o papa Francisco envia cada cristão às periferias (cf. EG 19-33, 46, 197): os educadores da fé são convidados a tornarem-se cada vez mais corpo da caridade na

bilidade comunitária

carne do mundo, para anunciarem como quem tem autoridade (cf. Mc 1, 22). Os nossos contemporâneos não se sentem confortáveis ao serem convidados a inserirem-se numa comunidade doentes e doentias, com patologias que afectam todos os membros, em diversos níveis, a saber:

- *omundatismo* «que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal» (EG 93);

- o *funcionarismo* que é «o pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja» (EG 83);

- *as falsas seguranças* de uma «Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos» (EG 49);

- *tristeza pastoral sem esperança* das «atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável» (EG 82).

Perante estas enfermidades, e de modo paradoxal, a solução encontra-se na busca daqueles que estão na margem e fora da Igreja, indo ao encontro dos pobres, porque eles têm uma particular afinidade com Cristo, e então aí a Igreja encontra a sua cura (cf. EG 272). É anunciando a fé que ela cresce. É saindo para as periferias que se chega ao centro.

Catequese intergeracional

O desafio acima enunciado concretiza-se na catequese quando ela é convidada a deixar de estar confinada a um espaço restrito, durante um determinado horário semanal, e se insere totalmente na vida da comunidade. Das diversas tentativas que se foram realizando de redescoberta desta dimensão comunitária da catequese, ganham destaque as propostas de catequese intergeracional. A ideia que está subjacente é a de que ao experimentar a vida comunitária com as suas famílias e os seus companheiros mais velhos — mas mesmo assim companheiros, porque com idades e vivências próximas — os catequizan-

dos têm maior possibilidade de se identificar com a igreja e de aí permanecer. Por outro lado, a comunidade edifica-se por um processo de permanente gestação, onde os mais jovens fortalecem e animam os mais velhos.

Mas a catequese intergeracional tem exigências mais profundas. Desde logo, por imperativo de coerência teológica entre a definição de igreja e as práticas pastorais, dado que desde as comunidades primitivas é valorizada a pertença ao Reino de Deus e está é para todas as gerações (cf. Mc 10, 13-16). A Igreja, então, é um povo que reúne todas as gerações (cf. LG 1, 9-17), logo a educação da fé tem de assumir esta vocação. Mais, a catequese intergeracional permite pôr em relação, criar laços, os diversos participantes, que proveem de um contexto de fluidez relacional, contribuindo para que se edifiquem comunidades que se percebem como corpos vivos.

Mas é ao nível do desenvolvimento da fé que a catequese intergeracional maiores contributos pode oferecer, pois permite a partilha das qualidades espirituais próprias de cada idade: a memória dos anciãos é valorizada, os adultos são chamados a assumirem as suas responsabilidades e os mais jovens encontram espaço para o seu desejo de futuro e espaço para o sonhar e antever. Em termos organizativos, esta partilha pode organizar-se em torno de um percurso sacramental, da Eucaristia dominical ou da vivência dos tempos “fortes” do ano litúrgico. Não é preciso criar nada de novo, basta aproveitar o que já existe.

Para concluir, a catequese intergeracional responde ao desafio do papa Francisco quando desafia para que «todas as comunidades se esforcem por utilizar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma “simples administração”. Constituamo-nos em “estado permanente de missão”» (EG 25).

Anunciar a fé na formação

P.E JOÃO CHAVES, SALESIANO

Nota introdutória: O presente documento apresenta de forma só indicativa/enumerativa algumas ideias relacionadas com o tema “Anunciar a fé na formação do catequista” apresentado no Dia Arquidiocesano do Catequista, no passado dia 12 de setembro, no Sameiro.

1. Contexto: o tema no programa pastoral 2015/16

Objetivo Geral — Redescobrir a identidade cristã e o dom da fé, para uma «autêntica e renovada conversão ao Senhor» Jesus Cristo. A motivação fundamental deste objetivo é esta: «Não podemos aceitar que o sal se torne insípido e aluz fique escondida» (Porta Fidei 3).

Objetivos

1. Anunciar a alegria do Evangelho;
2. Viver como discípulos missionários e dar vida aos movimentos;
3. Propor a todos uma Iniciação Cristã exigente e atrativa;
4. Estudar o Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja;
5. Implementar a dinâmica missionária em cada comunidade (paroquial);
6. Celebrar o Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

I. Tentações a vencer quando nos predispomos a ser anunciadores

2. A tentação de pensar que os missionários ou pessoas convidadas a anunciar a fé são só aqueles que vão para as ditas “terras de missão”, como África.
Porquê? Porque a responsabilidade missionária é de todos e de cada um dos cristãos.
3. A tentação de fazer coisas, de construir projetos, de organizar campanhas.

Porquê? Porque a evangelização tem mais a ver com o ser do que com o fazer, tem mais a ver com o encontro de pessoas que com a construção de estruturas.

4. A tentação do proselitismo, convencidos que a evangelização é antes de mais uma questão de números e de prestígio, numa lógica que pensa que somos os únicos a possuir a verdade.

Porquê? Porque a evangelização começa por ser uma partilha daquilo que nós recebemos, uma proposta e não uma imposição.

5. A tentação de que somos nós que convertemos.
Porquê? Porque só Deus é que converte, só o amor de Jesus é que salva. Nós somos meros instrumentos.

6. A tentação de viver como se a evangelização tivesse um horário preciso, bem definido, com data, hora e local certos.

Porquê? Porque anunciar o Evangelho é uma questão de vida, de toda a nossa vida (EG 127).

II. Princípios fundamentais nos quais a formação é determinante

1. A evangelização faz parte da identidade da Igreja. «A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo» (AG 2). A Igreja «existe para evangelizar» (EN 14). «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19).
2. Ninguém dá aquilo que não tem: antes de ir evangelizar, temos nós que ser evangelizados. Para se poder sair é preciso primeiro ter entrado. Para se ser formador e evangelizador, primeiro é preciso nós termos passado por essas mesmas experiências. Caso contrário,

rio, sair para quê? Que levamos? Quem anunciamos?

3. Anunciar a Boa Nova é oferecer uma coisa boa às pessoas e ao mundo: não a impomos, mas não podemos deixar de a propor.
4. O Evangelho não é uma questão de saber, de conhecimentos, de verdades, mas uma questão de vida, de coração, de testemunho, de emoções. É a vida que tem que ser evangelizada, não as nossas cabeças.
5. Só aquele que foi chamado e aceitou o convite de estar com Jesus, pode sentir-se interpelado pelo convite de Jesus "Ide e ensinai". Só o discípulo se pode tornar missionário. Não são duas coisas diferentes, mas uma mesma identidade: porque discípulos, somos missionários; somos missionários só quando formos discípulos. Jesus chamou os que Ele quis para estarem com Ele, e só depois para os enviar (Mc 3, 13-19). Ser discípulo e missionário não são duas coisas, mas uma só: somos discípulos missionários (Aparecida).
6. Evangelizar não pode ser apenas o ponto conclusivo dos nossos programas pastorais ou do nosso itinerário catequético e formativo, mas sim uma rede de vários ministérios, carismas, funções, sensibilidades. É uma forma de estar e de viver como cristão, na realidade concreta que o caracteriza.
7. Evangelizar é uma expressão comunitária: da comunidade parte e a ela regressa (conferir o exemplo das viagens apostólicas de S. Paulo). Evangelizar não é um projeto pessoal mas comunitário. A formação e a evangelização não são projetos pessoais mas comunitário. Sou enviado como comunidade e em nome da comunidade, mesmo que fosse sozinho, porque a Boa Nova que levo não é minha mas da Igreja.
8. Evangelizar é uma ação contínua, de toda a vida. Mais do que um discurso, é uma narração de vida.
9. Evangelizar ou educar na fé é um processo educativo que, como tal, implica processos humanos próprios da educação. Implica informação, recursos intelectivos e emocionais proporcionais ao desenvolvimento, retenção dos dados significativos, adesão às propostas e integração na sua própria existência, expressão em novas situações e realidades.

É um processo que implica tempo, nem sempre linear, que dura toda a vida.

10. Evangelização e formação implicam um trabalho de qualidade, intencional, organizado, contínuo.



(Foto tirada numa sessão do Curso de Iniciação)

III. Desafios para se anunciar a fé na formação

1. Crescer na intimidade com Jesus. É Ele o mestre da nossa formação.
 2. Promover na comunidade um processo reflexivo: é na oração que Deus fala. S. Paulo e Barnabé escutam o convite missionário de Deus quando rezavam com a comunidade. Um processo que nos ajude a captar os sinais de Deus.
 3. Sentir-se interpelado em sair, nas palavras do Papa Francisco, ir para as periferias.
- Sair não é só o resultado de nossa boa vontade, mas a consequência que se segue ao termos experimentado o Amor de Deus e nos sentirmos interpelados por Ele.
- Periferias que são diversas: as periferias do meu ser e da minha existência; as periferias da realidade que me envolve (família, grupo, comunidade cristã, paróquia, bairro...); as periferias geográficas e sociais, perto ou longe de mim.
4. Promover processos intencionais, adequados, comunitários.
 5. Não focalizar a nossa atenção no simplesmente social ou económico: nós não somos simples ONGs, não somos voluntários sem rosto. A nossa ação em favor do outro deve ser a de Jesus que fazia gestos exteriores que

eram expressão da transformação interior operada nas pessoas. A diferença não está tanto na forma, mas na motivação que nos leva a agir, a fazer as coisas, a anunciar.

6. Passar de uma pastoral de manutenção a uma pastoral missionária, voltada para os outros. O centro não somos nós, mas Deus e os outros.
7. Cuidar das pessoas. Para anunciar a fé na formação não precisamos antes de mais de recursos materiais, mas de pessoas, e de pessoas cheias de Deus.



(Momento de Oração num Curso de Iniciação)

IV. Como fazer

1. Vai para a rua, observa a realidade, observa as pessoas, olha as pessoas nos olhos, olha-as como Deus as olha, deixa-te interpelar pela realidade: Deus fala-te através dos outros, está presente nos outros. Assim fizeram os vários fundadores das ordens e congregações religiosas.
2. Viver a mensagem do Evangelho: Amar! O mundo de hoje precisa de testemunhas não de simples teorias e de palavras. Vive as obras de misericórdia.
3. Implementar uma dinâmica comunitária: discernir comunitariamente, programar comunitariamente, implementar comunitariamente, avaliar comunitariamente. Este é um processo lento, prolongado no tempo, mas intencional: não basta uma semana, nem um só encontro...
4. Trazer para a comunidade. A evangelização pode começar pelo encontro pessoal, mas este mais tarde ou mais cedo deve conduzir à comunidade cristã (assim fez Jesus com os Seus discípulos).
5. O exterior não é tudo, nem o primeiro, nem o mais importante, mas ajuda a motivar e a recordar seja a formação, seja a evangelização. Isto implica por exemplo uma boa publicidade, cartazes, iniciativas, orações, avisos... porque nós funcionamos também por estímulos. É importante que o tema do anúncio da fé esteja presente nos conteúdos e nos subsídios de todas as iniciativas, celebrações, romarias e reuniões.
6. Na formação e na evangelização é importante o encontro pessoal e a contribuição determinante dos inter pares. É a imagem do fogo que contagia. O valor da presença física, do estar presente, do perdão, da misericórdia, da alegria. Sentir-se enviado a levar aos outros aquilo que Deus leva: o amor misericordioso, visivelmente plasmado no perdão. É preciso dar atenção ao curriculum oculto, ao contacto entre as pessoas, ao acompanhamento, à partilha de vida, à escuta...
7. Integrar no itinerário de formação dos catequistas e catequizandos a dimensão da evangelização com a proposta de experiências e iniciativas concretas, desde aquelas esporádicas e pontuais, à organização de um verdadeiro estágio "evangelizador".
8. Rezar. Rezar não só as vezes, mas continuamente. Não só pelos missionários "profissionais" mas também pela nossa vocação e identidade cristã missionária, pela nossa ação evangelizadora enquanto catequistas.
9. Oferecer uma boa preparação, não só ao nível dos conteúdos mas também da vida espiritual, de acompanhamento, de discernimento.
10. Restruturação da catequese para que seja centrada em Jesus e na Sua Boa Nova. Uma catequese que toque o coração, que ofereça propostas práticas de anúncio (exemplo visita a lares, campanhas de ajuda, visita a situações difíceis...). Possibilitar-lhes experiências e não só teorias.

Notas para uma educação (catequese) cristã de adultos – Natal – Época de “descobrirmos de novo quem somos!” (Papa Francisco)

ANTÓNIO JOAQUIM GALVÃO

Conta-se que um beduíno, perseguido por ferozes inimigos, fugiu para onde o deserto era mais áspero e as rochas mais cortantes.

Correu velozmente até ao ponto de se sentir extenuado. Foi então que olhou à sua volta. Tinha chegado a um estreito rochoso. Penetrou por um estreito caminho até que foi ter à entrada de uma gruta.

Olhou e viu apenas escuridão. Hesitante, entrou nas trevas. Ouvia uma voz bondosa que dizia:

– Avança, irmão!

Obedeceu. Lá dentro, na penumbra, o beduíno viu um eremita que estava a rezar. O beduíno perguntou-lhe:

– Tu vives aqui?

– Sim.

– E como consegues resistir nesta gruta, sozinho, pobre, longe de todos?

O eremita sorriu e respondeu:

– Não sou pobre. Tenho grandes tesouros.

– Onde?

– Olha para cima?

O eremita indicou-lhe uma pequena fresta situada num dos lados da gruta e perguntou:

– Que vês?

– Nada.

– Não vês mesmo nada?

– Apenas um pedaço de céu.

– Um pedaço de céu: não achas que é um tesouro maravilhoso?

Moral da história: pode acontecer que andemos tão atarefados e entretidos com as coisas

deste mundo, que nos esqueçamos de olhar para o céu azul. Todos somos convidados a viver com os pés na terra, mas de olhos fitos no céu. Dizer céu é dizer Deus, em quem está o sentido da vida. Viver o Natal, é colocar os olhos em Deus Menino e confiar no seu amor. S. Mateus diz-nos que, naquele momento, se cumpriu a profecia de Isaías (9, 2), que anunciava: “O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz, e aos que jaziam na sombria região da morte, surgiu-lhes uma luz” (Mt 4, 16). Que luz era esta? Jesus. Ele é a luz e quem o segue não andarà na escuridão, mas terá a luz da vida.

“Hoje, o Filho de Deus nasceu: tudo muda. O Salvador do mundo vem para Se tornar participante da nossa natureza humana: já não estamos sós e abandonados. A Virgem oferece-nos o seu Filho como princípio de vida nova”. Jesus, a esta sociedade “embriagada de consumo e prazer, de abundância e luxo, de aparência e narcisismo”, continua a apelar à conversão, a uma vida sóbria, simples, equilibrada, a um estilo de vida, cheio de piedade, empatia, compaixão, misericórdia, extraídas diariamente do poço de oração; capaz de viver aquilo que é essencial, disse o Papa Francisco na Missa do Galo 2015.

Deus falou-nos de muitas maneiras “agora falou-nos nestes últimos tempos pelo Filho, a Quem constituiu herdeiro de tudo (...) Sendo Ele o resplendor da Sua glória” (Heb 1, 1 e ss). O Salvador que nos ama e nos confia “a missão de dar a conhecer o «Príncipe da paz» e tornar-se um instrumento eficaz d’Ele no meio das nações” (Papa Francisco). No dia que Jesus nasceu, o anjo do Senhor apareceu aos pastores que

pernoitavam nos campos e disse-lhes: “Não temais, pois vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo. Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador (...) Encontrareis um Menino” (Lc 2, 10-11). É um Menino que nos ensina o caminho a verdade e a vida (Jo 14, 6), um Menino que veio para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10, 10). Que nos ensina “a renunciar à impiedade e aos desejos mundanos, a fim de que vivamos no século presente com toda a sobriedade, justiça e piedade” (Tit 2, 12) de solidariedade e amor ao próximo porque Ele é a verdadeira luz (Jo 8, 12) que ilumina “a nossa existência, muitas vezes encerrada na sombra do pecado” (Papa Francisco).

O Menino não nos chama para irmos a um lugar, chama-nos para Ele, para a Sua escola. Ele é a mensagem, Ele é a notícia. O convite é para nos relacionarmos com a Pessoa que Ele é, aprendermos d’Ele que é manso e humilde de coração (Mt 11, 29) e termos a vida eterna (Jo 3, 16). Assim, como o beduíno viu um pedaço de céu, também os nossos olhos, tal como os dos pastores se possam alegrar ao ver o Menino e

glorificar e louvar a Deus (Lc 2, 20) por tudo o que temos e vivemos. A Boa Nova (Evangelho) é Jesus que pagou a nossa dívida e nos reconciliou com Deus. Agora, se verdadeiramente queremos, de graça, vamos confiantes ao trono da graça de Deus e encontraremos misericórdia e socorro (Heb 4, 16).

Com S. Paulo, para que “Cristo habite pela fé nos vossos corações” (Ef 3, 17) e O levemos na certeza de que é, “a esperança da glória” (Col 1, 27). A mensagem sempre foi uma só: Jesus. N’Ele estão todos os tesouros, Ele é a imagem do Deus invisível, a exata expressão do Seu Ser, a Palavra que se fez carne, o Deus Menino que se fez Homem.

A boa notícia é que Jesus veio e continua a vir, que nos ama com um amor que vai muito para lá de todo o entendimento – que a Luz do mundo é uma Pessoa, que o Pão da vida é uma Pessoa, que a Verdade é uma Pessoa, que o Caminho é uma Pessoa, que a Vida é uma Pessoa e essa Pessoa é Jesus que nos chama e nos envia em missão.

Para todos um ano cheio de mais e melhor missão.



(Imagem retirada da internet)

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai⁽¹⁾

MARIA HELENA AGUIAR

(imagem retirada da internet)



A mensagem (e toda a missão) de Jesus Cristo, no contexto do legalismo que reinava no Seu tempo, é toda ela, norteadada pela misericórdia. Perante os escribas e fariseus que criticavam muitas das suas atitudes por as julgarem de excessiva aproximação e acolhimento dos pecadores, Jesus afirmou: “ Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: **prefiro a misericórdia ao sacrifício**, porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mt.9, 12-13). Deus é amor e o Seu amor é misericor-

dioso e compassivo. E Jesus não podia senão ser o rosto da misericórdia do Pai.

São muitas as parábolas e os textos em que se revela a imensidade da misericórdia de Deus pela voz e ação de Jesus.

Hoje, começaremos por abordar, ainda que de forma muito breve, as chamadas parábolas da misericórdia que se podem encontrar no capítulo 15 do Evangelho de S. Lucas. As três parábolas falam-nos da alegria de três reencontros. Vamos, pois, centrar a nossa atenção na alegria do reencontro, uma vez que,

como no-lo-disse um dia o papa Francisco: “Deus é alegria! E o que é a alegria de Deus? A alegria de Deus é perdoar. É a alegria de um pastor que reencontra a ovelha; é a alegria de uma mulher que reencontra a sua moeda; é a alegria de um pai que acolhe novamente em casa o filho que estava perdido, que era considerado morto e tornou a viver, a voltar para casa. Aqui está todo o Evangelho! (...) Só o amor preenche os espaços vazios, os abismos negativos que o mal abre no coração e na história. Somente o amor pode fazer isso e essa é a alegria de Deus.”(2)

De facto, as três parábolas da misericórdia terminam em alegria e numa alegria que tem de ser partilhada, fazendo festa.

1. O pastor ao encontrar a ovelha que tinha perdido “põe-na alegremente aos ombros e, ao chegar a casa, convoca os amigos e vizinhos e diz-lhes: ‘Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha perdida.’” (Luc. 15, 5 e 6)
2. A mulher que, ao encontrar a dracma perdida “convoca as amigas e vizinhas e diz: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma perdida.’” (Luc. 6, 9)
3. O pai que ao ver o filho chegar a casa, apressa-se a dizer aos seus servos: “Trazei depressa a mais bela túnica e vesti-lha; ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o; comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; estava perdido e encontrou-se. E a festa principiou.” (Luc 15, 32-34)

Nas três parábolas, mas sobretudo na última, encontramos um retrato fiel e belissimamente delineado, de Deus-Pai, rico em misericórdia. É espantoso o contraste entre a vida dissoluta daquele filho que acaba por esbanjar todos os seus bens de tal modo que se vê obrigado a guardar porcos, passando fome, e o acolhimento imensamente caloroso e festivo de seu pai. “Um escândalo para quem fica preso no quadriculado da justiça humana, representada no filho mais velho”

Mas é mesmo assim o nosso Deus! A única coisa que deseja - ontem, hoje e sempre - é que quem se desvia encontre depressa o caminho de regresso, pois nele não poderá deixar de encontrar o acolhi-

mento e a ternura de um Pai misericordioso que corre ao seu encontro para o abraçar e “cobrir de beijos”.

A parábola do reencontro da ovelha perdida termina dizendo-nos: “Haverá mais alegria no céu por um só pecador que se converta do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão”; e a mensagem da parábola da mulher que encontra a moeda que tinha perdido não é diferente: “Assim, digo-vos, há alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se arrependa.”

O papa Francisco não se cansa de nos falar desta dimensão do amor de Deus e da alegria que brota genuína do perdão.

Saibamos, também nós, abrir-nos ao amor misericordioso de Jesus – rosto da misericórdia do Pai – e a alegria e a paz inundarão os nossos corações e todo o nosso ser. Neste ano jubilar extraordinário da Misericórdia, busquemos, confiantes, o sacramento da Reconciliação, deixando-nos envolver pela ternura de Deus que a única coisa que quer é que tenhamos “vida e vida em abundância. E façamos tudo o que dependa de nós para que, através das nossas palavras e atitudes, gestos e ações, a exemplo de Jesus, e com o Seu amor e graça, deixemos transbordar misericórdia para todos quantos toquem as nossas vidas. Deste modo, poderemos ir, devagarinho, aproximando-nos do “mandamento” de Jesus: **“Sede misericordiosos como o Vosso Pai do Céu é misericordioso”**, e experimentaremos como **o perdão das ofensas é a expressão mais cristalina do amor misericordioso de Deus e, para nós, um imperativo de que não podemos prescindir.**

– Tenho feito tudo quanto depende de mim para abrir – pela oração e atenção diligente – o meu coração ao amor misericordioso de Deus?

– Como me esforço por testemunhá-lo aos que tocam a minha vida?

– Peço a Deus, com confiança, perseverança e fé, que me ajude a perdoar, de todo o coração, a “quem me tem ofendido”?

Notas:

1. Papa Francisco – Misericordiae Vultus

2. Papa Francisco – 15 de Setembro de 2013

3. Morujão, Manuel – Celebrar e praticar a Misericórdia



Momento de Oração de Advento

No passado dia 3 de dezembro, os catequistas do Arciprestado de Amares encontraram-se para, num ambiente de oração, preparar o nascimento do Salvador. Pela proximidade com a abertura do Ano da Misericórdia, os catequistas foram convidados a reflectir e a meditar no amor misericordioso de Deus que se faz Menino.

Presidida pelo padre Avelino Mendes, arcepreste de Amares, a oração, realizada na Igreja Paroquial de Santa Maria de Bouro, contou com a presença dos catequistas e dos párocos do arciprestado, num ambiente de proximidade e amizade, característico das celebrações organizadas pela Equipa Arciprestal de Catequese.

Após a oração, os catequistas tiveram oportunidade de conhecer a sacristia da igreja e de usufruir de um momento de convívio e descontração.



Dia Arciprestal do Catequista



Realizou-se no passado dia 21 de Novembro, mais um dia Arciprestal do Catequista, em Sta. Eugénia. O encontro iniciou pelas 9:00 horas e teve como tema "CATEQUESE E FAMÍLIA".

Depois do acolhimento feito aos catequistas, procedeu-se à oração da manhã, à qual se seguiu uma conferência sobre o tema catequese familiar, apresentada pelo Cónego Luís Miguel Figueiredo Rodrigues.

Seguiram-se diversos atelier, sobre os temas: MISSÃO DO CATEQUISTA; O QUE TRABALHAR COM OS JOVENS APÓS O 10º ANO; VOCAÇÕES; ATITUDES E GESTOS NA EUCARISTIA.

Momento de Oração



No dia 28 de Novembro, realizou-se o momento de oração em todo o Arciprestado, para marcar o início da caminhada do Advento. Este encontro foi realizado simultaneamente em todas as zonas de catequese, proporcionando que todos os catequistas estivessem em oração e meditação simultânea.



Encontro de Formação Catequético em Fafe

“Chamados ao Amor... Cuidando da Casa Comum”

No passado Sábado, 21 de Novembro, no Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Fafe, realizou-se um encontro de sensibilização, reflexão e formação para párocos, catequistas e Pais.

Foram intervenientes, neste encontro, o Padre Pedro Daniel, arcepreste de Fafe, e o Padre David da Congregação dos Padres Salesianos.

Inspirando-se na Encíclica Papal “Laudato Si” e tendo sempre presente, como pano de fundo, o “Presépio de Belém”, o primeiro orador apresentou uma proposta de “caminhada”, no Advento, dividida em 4 etapas, que poderá ser para todos uma forma de preparação catequética “intensa e profunda” para o Nascimento de Jesus. Referiu que teologicamente o mistério da Encarnação do Verbo de Deus celebra a harmonia perfeita entre a natureza humana e a natu-

reza divina. Ao mesmo tempo, o cenário do Presépio de Belém celebra a harmonia perfeita das criaturas e a imensidão do seu Criador....

É esta harmonia, solidariedade e responsabilidade comum que a Carta Encíclica do Papa Francisco nos propõe para esta caminhada do Advento para o Natal. Continuou dizendo que o Papa chama ao nosso Planeta a “*casa comum*” que a todos temos a missão de cuidar através de comportamentos responsáveis e na promoção de uma educação que respeite e proteja o ambiente. No presépio de Belém, onde Deus nos envia o Seu Filho Jesus Cristo, aquela gruta escondida, escondida na Noite e absorvida na natureza, é profecia desta casa comum e da harmonia original entre o criador, ser humano e natureza criada.

Propostas concretas e princípios orientadores para a caminhada do Advento:

– 1º Domingo: Princípio inspirador – BELÉM (Casa do Pão). Atividade: Participação no Banco Alimentar contra a Fome.

– 2º Domingo: Princípio inspirador: NATUREZA. Atividade: Plantação de uma árvore/planta, de preferência de inspiração bíblica.

– 3º Domingo: Os animais/ a alegria da Criação. Atividade: partilha de rações e agasalhos para os animais do canil municipal.

– 4º Domingo: O Ser Humano. Atividade: partilha de roupas para serem distribuídas pelos mais necessitados.

Intimamente relacionado, com esta chamada ao Amor, na simplicidade, ternura e pobreza do Menino Deus do presépio, está a temática do 2º orador da noite, Padre David. O sacerdote, recordou a Bula Papal: **Misericordiae Vultus**, bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. Começou por sublinhar as palavras iniciais da referida bula: “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de

Nazaré... Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”.

Recordou que um dos processos didáticos de Jesus para ensinar as verdades do Reino aos seus contemporâneos foi os ensinamentos parábolicos. Sublinhou as parábolas de Jesus sobre a misericórdia, as parábolas sobre o que não é misericórdia, os imensos atos de misericórdia de Jesus em relação às palavras misericordiosas de Jesus. Concluiu dirigindo-se aos presentes que mais do que as palavras são precisas atitudes misericórdia.

O encontro teve o seu termo com um lanche-convívio entre todos os participantes.





As paróquias pertencentes ao Arciprestado da Póvoa de Lanhoso estão a ser visitadas, desde o mês de Outubro, pelos elementos que compõem a equipa de catequese arciprestal. Estas visitas estão inseridas no plano pastoral para 2015/2016 e pretendem dar ênfase à importância de uma Igreja em saída, isto é, uma Igreja que vai ao encontro do outro. Desafiados pelo Arcebispo, D. Jorge Ortiga, os responsáveis pela pastoral catequética na Póvoa de Lanhoso estão a conhecer melhor a realidade da catequese nas diversas paróquias, bem como, as necessidades mais urgentes. Na carta pastoral o Arcebispo de Braga diz-nos que o verdadeiro caminho da evan-



gelização começa (e desenvolve-se) sempre pela dinâmica do encontro: primeiro, com o próprio Jesus Cristo (para se ser evangelizado por Ele) e, depois, no encontro com os outros seres humanos, a quem nos temos de unir «com estima e caridade» (AG 11).

Depois de visitadas todas as paróquias, será exposto e debatido o resultado, com os sacerdotes e as equipas de coordenação paroquial de catequese. Posteriormente serão delineadas linhas de atuação tendo em conta a situação atual da pastoral catequética, nomeadamente no que concerne à formação, uma solicitação frequente dos catequistas povoenses.



Coordenadores Paroquiais de Catequese reunidos em Famalicão

Tal como tem vindo a acontecer nos últimos anos, a Equipa Arciprestal de Catequese de Vila Nova Famalicão promoveu um encontro destinado aos Catequistas Coordenadores Paroquiais de Catequese de todas as paróquias do Arciprestado, com vista à preparação deste novo Ano Pastoral 2015-2016.

Desta feita, este encontro teve lugar no dia 19 de Outubro, pelas 21h15, no Centro Pastoral de Sto. Adrião, em Famalicão. A reunião contou com a presença dos elementos da Equipa Arciprestal de Catequese, nomeadamente do seu Assistente, o P.e António Loureiro, assim como um grupo de cerca de 50 catequistas coordenadores provenientes de muitas das paróquias do Arciprestado.

Num primeiro momento, depois de uma pequena dinâmica de acolhimento, tomou a palavra o P.e

Armindo Freitas, Arcipreste de Vila Nova Famalicão, que quis estar presente neste encontro para lembrar aos catequistas o seu papel fundamental de evangelizadores e anunciadores da Fé no seio das respectivas comunidades, incentivando-os e agradecendo-lhes pelo serviço que prestam à Igreja.

De seguida, e após um momento de oração, foi tempo de apresentar e/ou recordar todos os objetivos propostos pelo Departamento Arquidiocesano da Catequese (DAC) para o Ano Pastoral 2015-2016. Assim, neste ano subordinado na Arquidiocese de Braga ao tema da "Fé Anunciada", o plano do DAC tem como título a frase retirada do Evangelho de S. João que serve também de mote a esta temática - "Assim como Eu fiz, fazei vós também". O objectivo geral continua a incidir sobre a importância de "reavivar, purificar, confirmar e confessar a Fé", concretizável depois



através de um objectivo específico, que passa por “consciencializar para o discipulado”. A este propósito foram apontadas algumas linhas de acção, tais como: “fomentar e aprofundar os laços na comunidade; con-

siderar a vocação do catequista como seguimento de Jesus; valorizar a importância da catequese familiar / intergeracional; reflectir sobre o Decreto *Ad Gentes*”.

Posto isto, foram apresentadas algumas datas importantes para este ano pastoral, destacando-se, desde já, o Encontro Arciprestal de Catequistas, a realizar a 30 de Janeiro de 2016, assim como dois encontros de recollecção por ocasião do Advento e do Tempo Pascal, respectivamente a 27 de Novembro e a 25 de Abril.

Depois de um tempo aberto ao diálogo onde os presentes tiveram oportunidade de colocar questões, esclarecer dúvidas e/ou apresentar sugestões, o P.e António Loureiro tomou a palavra para agradecer a presença de todos, terminando o encontro com um breve momento de oração.

Departamento Arciprestal da Comunicação Social

Catequistas de Famalicão desafiados a abrir Janelas à Alegria

No passado dia 27 de Novembro, a Equipa Arciprestal de Catequese de Vila Nova de Famalicão promoveu um encontro de Recolecção destinado a todos os catequistas do Arciprestado, procurando proporcionar aos participantes um serão diferente com o objectivo de melhor os preparar e introduzir no tempo do Advento, o tempo litúrgico de preparação para o Natal, abrindo janelas à Alegria, tal como enfatiza a caminhada proposta pelo Arciprestado para este tempo litúrgico.

Esta iniciativa, realizada no Seminário dos Missionários Combonianos, em Antas, a partir das 21h15, reuniu cerca de cento e setenta catequistas, provenientes de inúmeras paróquias do Arciprestado, que quiseram tomar parte de um momento privilegiado de celebração, vivência e fortalecimento da sua Fé.

Deste modo, depois das boas-vindas a todos, deu-se início à exposição e adoração do Santíssimo Sacramento, presidida pelo P.e António Loureiro, Assistente da Equipa Arciprestal de Catequese. Enquanto louvavam Cristo presente e vivo no altar, os catequistas presentes puderam assistir a uma reflexão, composta pela



projecção de imagens, vídeos, textos e cânticos, que procurou interpelar cada um às atitudes próprias do Advento, como “a vigilância interior e a vivência de uma espera activa e confiada, procurando a coragem e a conversão necessárias para abrir as janelas do coração a Jesus Menino, que vem ao nosso encontro”.

Este momento de oração salientou, assim, “a urgência de vivermos como verdadeiros e comprometidos arautos de Jesus Cristo, missionários do amor, da comunhão e da misericórdia, de janelas escancaradas para Deus e para os outros, para que a Alegria de Jesus nos invada, entre, ilumine e refresque a nossa vida, e possamos fazer dela um anúncio perene de esperança e de salvação para todos os homens”.

Terminado o tempo de oração e encontro com Jesus Eucaristia, os presentes foram convidados a tomar parte de um pequeno convívio, que constituiu um novo momento de partilha e feliz confraternização entre todos.

Departamento Arciprestal da Comunicação Social

Oração a Cristo

Ó Cristo, nosso único medianeiro.

*Tu és necessário: para entrarmos em comunhão com Deus Pai;
para nos tornarmos conTigo, que és Filho único e Senhor nosso, seus filhos adoptivos;
para sermos regenerados no Espírito Santo.*

*Tu és necessário, ó único verdadeiro mestre das verdades ocultas e indispensáveis da vida,
Para conhecermos o nosso ser e o nosso destino, o caminho para o conseguirmos.*

*Tu és necessário, ó Redentor nosso, para descobrirmos a nossa miséria e para a curarmos;
para termos o conceito do bem e do mal e a esperança da santidade;
para deplorarmos os nossos pecados e para obtermos o seu perdão.*

*Tu és necessário, ó irmão primogénito do género humano,
para encontrarmos as razões verdadeiras da fraternidade entre os homens,
os fundamentos da justiça, os tesouros da caridade, o sumo bem da paz.*

*Tu és necessário, ó grande paciente das nossas dores,
para conhecermos o sentido do sofrimento
e para lhe darmos um valor de expiação e de redenção.*

*Tu és necessário, ó vencedor da morte,
para nos libertarmos do desespero e da negação
e para termos certezas que nunca desiludem.*

*Tu és necessário, ó Cristo, ó Senhor, ó Deus connosco,
para aprendermos o amor verdadeiro e para caminharmos na alegria
e na força da tua caridade, ao longo do caminho da nossa vida fatigosa,
até ao encontro definitivo conTigo amado, esperado, bendito nos séculos.*

(Papa Paulo VI)



departamento arquidiocesano da catequese

centro cultural e pastoral da arquidiocese

rua de S. Domingos, 94 B • 4710-435 Braga • tel. 253 203 180 • fax 253 203 190

educris@arquidiocese-braga.pt • www.diocese-braga.pt/catequese

■ impressão: empresa do diário do minho, lda.